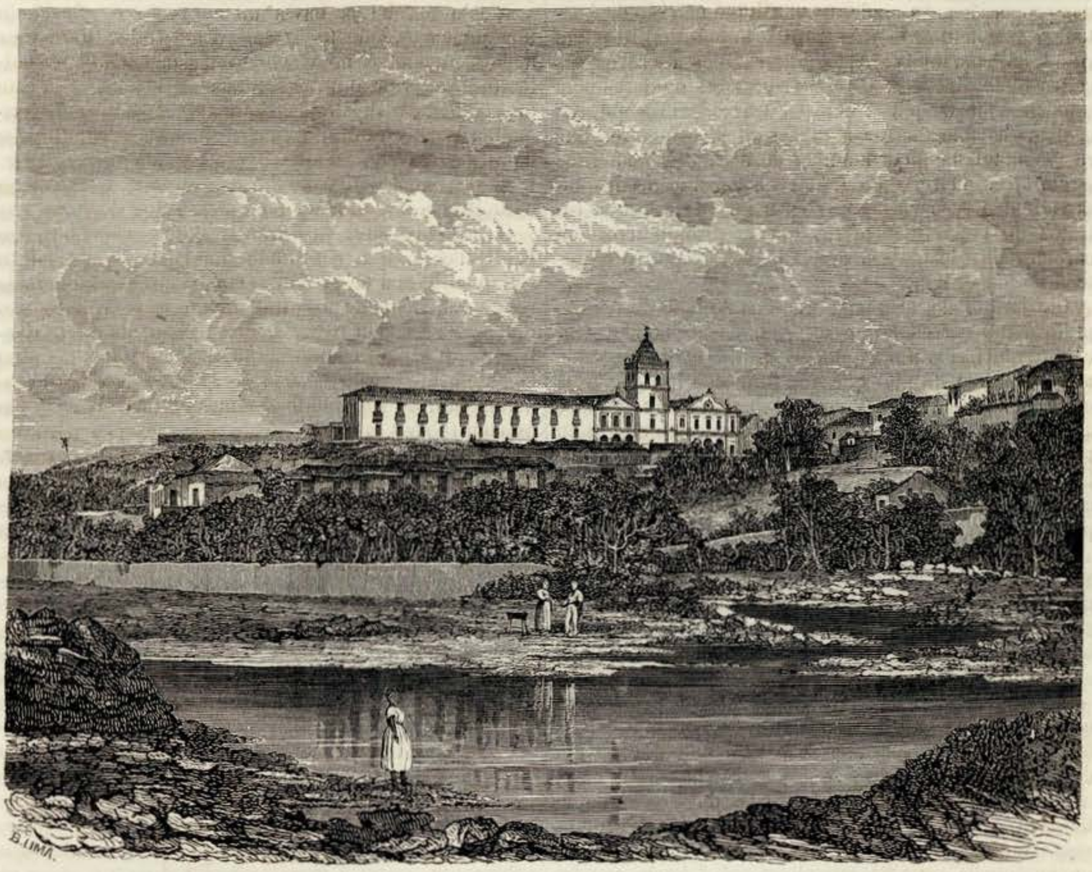
BRASIL



Convento do Carmo na cidade de S. Paulo

Foi fundado em 1594, por frei Antonio de S. Paulo, religioso da mesma ordem, depois da fundação do convento do Carmo na cidade de Santos, n'aquelle tempo villa e séde da capitania de S. Vicente. Do convento de Santos passaram para o de S. Paulo os titulos e a posse das terras onde hoje existe, terras que possuia por doação onerosa de legados que lhe fizera o capitão-mór Braz Cubas, procurador bastante do donatario conde de Monsanto.

O convento do Carmo está n'um largo terrapleno, quadrangular, e por sua posição topographica mostra agigantada perspectiva. A paizagem que d'alli se escortina, sublime conjuncto de verdejantes arbustos que se debruçam preguiçosos pelas margens dos rios, como os eloendros nas sombras do Mediterraneo, extasia aos que a contemplam. A florescente freguezia do Braz, ornada de luxuriantes chácaras, os arrabaldes da Luz, e a magestosa bacia formada pelos rios Tiéti e Tamandatahy, inspiram canticos á natureza que em caprichoso desalinho incita a arte a associar-se ao seu imperio. Sobre a eminencia da ladeira do Carmo, que parece o flanco de uma montanha, occupa o convento consideravel espaço, dominando desde a rua do Carmo até á confluencia oriental do rio Tamandatahy, onde fica a grande ponte construida no tempo do decimo terceiro governador Horta França. A porção de terreno coberto de lousa, que fórma o adro da egreja do convento da ordem terceira do Carmo, é de melhor aspecto que o restante que se estende até á rampa. Se tivesse arvoredo, podia-se d'alli fazer um bom parque; por isso, actualmente, aquelle terreiro só tem o merecimento da sua grande extensão.

Estudando-se as construcções d'aquella epocha, vê-se o geral desprezo do estilo proprio da architectura religiosa. O atrio, como bem mostra a gravura, é flanqueado de grossas paredes tendo em frente onze janellas rasgadas, com varandas, no andar que se ergue sobre o pavimento inferior que serve de quartel do corpo de Permanentes. Ao lado tem duas egrejas contiguas que pegam com o convento. Uma é dos frades, e a outra é da ordem-terceira do Carmo. A primeira é interiormente de architectura pesada e decorada com mau gosto. A segunda é mais simples, porém mais elegante. Ambas estas egrejas, no seu exterior, são de muita simplicidade, dando-lhes comtudo muito realce o alto coruchéo ou torre dos sinos que extrema uma da outra.

A ordem-terceira rege-se por estatutos que são confirmados pelo governo e pela communidade dos religiosos. Serve hoje de commissario, por falta do religioso carmelita, o rev. conego Antonio Augusto de Araujo Muniz. Esta ordem celebra annualmente com toda a pompa a festa da Senhora do Carmo; a mesma festa costuma celebrar o convento com todo o esplendor. Da ordem-terceira é que sáem as procissões do Senhor dos Passos e do Enterro.

Em seguimento á egreja da ordem está um vasto

edificio que antigamente servia de hospital da ordem, e hoje é hospital militar.

O convento divide-se em velho e novo. O antigo edificio resente-se da pressa que tiveram os primeiros religiosos de o edificar. As paredes não tem pilastras, e o claustro é de rude contextura, e de acanhadas proporções. As madeiras quasi que não são desbastadas, nem tem ordem de collocação tanto no assoalho como no ripamento. A enfermaria dos escravos, as cellas onde dormem, o refeitorio, são singulares pela uniformidade da pintura, e por certas figuras que desenham as imagens de alguns santos, e quadros que representam as physionomias de alguns benemeritos e martyres da religião. A mesma decoração em quadros tem a casa contigua ao coro, onde estão os retratos do papa Honorio III, que confirmou a ordem carmelitana, de bispos, arcebispos, escriptores e protectores da ordem.

Um jardim de acanhada área fica ao lado do recinto junto a um corredor que se prolonga até ao claustro, e outro que fórma um angulo opposto, o qual se estende até ao grande quintal que vae unir-se a um pomar já em abandono. As flores do jardim sem perfumarem o ambiente, e as arvores fructiferas carcomidas, sem renovarem as folhas, são o emblema da sentença lavrada contra os religiosos carmelitas: tal foi o decreto de 1856, prohibindo a entrada de noviços e profissão dos que estavam dentro do claustro.

A edificação moderna, ou o novo convento, é um vasto dormitorio contendo oito cellas, n'uma das quaes móra o prior, e n'outra está o secretario, visitador ou procurador geral da ordem. No fim d'este dormitorio ha uma janella que dá sobre o Tamandatahy, d'onde se avista a grande cordilheira.

Quando os jesuitas, em 1552, deram principio a esta cidade, com a fundação do collegio que depois foi palacio dos governadores, e hoje séde do governo da provincia, e onde em 1554 celebraram a primeira missa, no dia da conversão do apostolo que lhe deu o nome, havia no logar onde se vê o convento do Carmo, palmeiras seculares, bosques quasi impenetraveis, que se estendiam até á lagôa que foi desviada e entupida pelo incansavel inspector das obras publicas, n'aquelle tempo, o sr. Antonio de Castro do Canto e Mello, depois visconde de Castro, a quem devemos o beneficio que resulta do aterro do Braz.

Na aldeia de Piratininga vivia uma horda de Goyanazes com o seu cacique Tebiricá, que reunidos foram os primeiros povoadores. Aos indios se aggregou grande numero de europeus, que lhes foram pouco favoraveis. Os paulistas, dizem os historiographos, posto que não davam aos indios o nome de captivos, mas sim de administrados, dispunham d'elles dando-os em dotes de casamento e para pagamento de dividas. Alguns jesuitas entraram n'este tráfego, pelo que houve então contendas e litigios entre elles e os europeus: até que a final os paulistas expulsaram os jesuitas da sua provincia.

Foi na trégoa d'esta lucta, e antes da fatal campanha de 1631, e das revoluções causadas pela energica opposição de duas familias rivaes em competencia, querendo governar, cada uma occupando exclusivamente os cargos da republica, foi n'essa epocha que os carmelitas se apresentaram para catechisar os indios.

Quando se ateou a guerra civil entre os paulistas e europeus, no principio da lavra de Minas Geraes, cujos resultados excederam a lamentavel historia da conquista do Perú, e cujos desastres fazem esquecer as desgraças do Potosi e Lima, n'essa epocha de sanguinolentos conflictos, foi que os carmelitas granjearam para si o titulo de homens prestantes e desinteressados bemfeitores.

Entraram pelas mattas virgens soffrendo grandes privações para civilisarem os indios, e assim converteram differentes hordas, dando á egreja muitas almas que estavam fóra da graça.

Em consequencia da reforma de 1785, retiraram-se os carmelitas, dividindo-se pelas outras provincias. Alguns recolheram-se a este convento.

N'essa epocha já havia no convento de S. Paulo um noviciado, que foi suspenso até 1800. Oito annos depois fundou-se no convento d'esta capital um collegio. Era prior o P. M. Ribas; e por morte d'este foi chamado o P. M. Fr. Manuel Ignacio, e em companhia d'este vieram alguns religiosos carmelitas, e d'entre elles para lente de philosophia o P. M. Fr. Luiz de Santa Catharina Sá, e para lente de theologia o P. M. Fr. Antonio do Bom Despacho.

O primeiro collegio durou 6 annos; depois veiu o P. M. Peres, que continuou até 1820. Terminado o seu quadriennio de priorado, como não entrassem mais religiosos, fechou elle o collegio e retirou-se. Ao P. Peres succedeu o P. M. Fr. Antonio de Santa Gertrudes, que já era lente de philosophia e theologia no convento do Carmo no Rio de Janeiro. A este succederam outros, seguindo-se a mesma ordem, segundo as contituições carmelitas e as decisões do capitulo.

De entre muitos religiosos que serviram a ordem, cabe aqui mencionar a triste historia do infortunado P. M. Fr. Antonio Ignacio, quando prior. Era homem de indole irascivel, e tão restricto que levava a economia até á avareza; entretanto, foi o que melhor zelou os bens do convento, e fez alguns melhoramentos, como por exemplo: as janellas de ferro que se vêem na frente do edificio e o adro de cantaria. No dia 6 de agosto de 1859 foi este frade estrangulado por dois escravos da ordem. Algumas pessoas attribuiram este assassinio ao seu excessivo rigor para com os escravos. Na madrugada do dia 7 de setembro, do mesmo anno, viam-se na banqueta dos reos dois infelizes cuja presença entre nós, cuja condição forma a pagina negra e sanguinolenta da nossa historia; eram dois pretos accusados d'aquella morte. O orgão da justiça publica, funebre e ao mesmo tempo vehemente, pediu a forca para os accusados, como se o cadafalso fosse a ultima razão da lei! N'esse mesmo tribunal, um democrata, e talvez abolicionista, inspirado, eloquente e erudito orador philosophico; o *Burke* academico, o estudante José Vieira Couto de Magalhães, hoje presidente de Goyaz, era defensor dos reos, e conseguiu arrancar ao carrasco aquelles desgraçados, que foram condemnados ás galés perpetuamente.

Um mez depois, reunidos em capitulo os religiosos carmelitas, elegiam para prior o P. M. Fr. Antonio de Santa Gertrudes, um dos religiosos mais graduados da ordem. Em 1808 veiu para S. Paulo como collegial. Em 1814 foi para o Rio. Em 1815 foi nomeado passante de philosophia. Em 1817 foi nomeado lente de philosophia e theologia. Em 1821 prior de S. Paulo, e esteve durante o quadriennio. Em 1824 prior do convento do Rio de Janeiro. Em 1827 foi eleito provincial. Em 1830 secretario da provincia carmelitana. Em 1833 provincial. Em 1842 provincial, e serviu 6 annos. Em 1848 prior do convento da ilha Grande. Em 1859 prior de S. Paulo, cargo que ainda exerce.

Devo registrar aqui os beneficios prestados pela ordem, não só ao governo da provincia, como a particulares.

Em 1831 o prior Fr. Francisco de Paula, concedeu licença por 2 annos para os soldados do corpo de Permanentes occuparem uma parte do convento, que até hoje é o seu quartel. A pedido do presidente da provincia, que era o sr. Raphael Tobias de Aguiar, o prior não estabeleceu clausula, e por isso o governo tem abusado.

O convento do Carmo sempre admittiu estudantes

em epochas remotas, dando aulas e comida, e actualmente sustenta 12 estudantes, que moram n'elle ha 4 annos, e costuma hospedar muitos sacerdotes que são recommendados pelo provincial ou pelos priores dos conventos, quer d'esta, quer d'outras provincias.

Ultimamente contribuiu com 1:200$000 réis para a subscripção nacional.

Para todas as obras publicas da provincia tem dado o seu contingente.

Coisa notavel! A assembléa provincial, no orçamento de 1862, elevou a taxa dos escravos dos conventos, empregados na lavoira, a 10$000 réis cada um.

A veneração dos povos pelas instituições monacaes, converteu-se em um sentimento de frieza e indifferença; e a opinião publica pronuncia-se severamente contra a conservação dos conventos.

Tudo quanto fizeram os frades a beneficio da pobreza; os grandiosos edificios que elles construiram, e hoje estão em poder da nação, accommodando as repartições do estado e os estabelecimentos publicos; nada d'isto foi bastante para que a geração actual reconhecesse agradecida os relevantes serviços por elles prestados á religião, ás letras e á agricultura!

Terminando este artigo, cumpre-nos declarar que o escrevemos a instancias de um portuguez amigo nosso e dos seus compatriotas, o sr. João Elisiario de Carvalho Monte-Negro, que entre nós goza de geraes sympathias, e é incansavel agenciador da sustentação e progressos das emprezas litterarias, que são de mutua utilidade para o Brasil e para Portugal.

A difficuldade de obter documentos para uma cabal historia do convento do Carmo, como muito bem sabia o sr. Monte-Negro, servir-nos-ha de escusa á insufficiencia da descripção que acompanha a estampa.

S. Paulo — junho de 1863. PESSANHA POVOA.

ANTIGUIDADES DE ALCANEDE

(Conclusão. Vid. pag. 206)

Quando el-rei D. João V se propoz a augmentar e engrandecer a casa do infantado, instituida por seu avô, el-rei D. João IV, entre os muitos bens e rendimentos com que a enriqueceu contava-se a propina do jantar de Alcanede.

O monumento de antiguidade que possue esta villa é o seu castello. Campeia na coroa do monte sobranceiro á villa, tendo por base rocha e penedia. Conservou-se de pé e em bom estado até ao reinado de D. João III. Em um livro chamado das visitações, da ordem de Aviz, vem a descripção d'este castello no estado em que os visitadores o acharam no anno de de 1516. Vamos transcrevel-a, porque, além de a julgarmos curiosa, poderá servir para que os conhecedores da fortaleza, ora em ruinas, a possam reconstruir na phantasia.

Diz o livro:

«O castello e alcaidaria de Alcanedé é da Ordem.

«Achamos por alcaide mór em a dita villa Ayres de Sousa, fidalgo da caza d'el-rei nosso senhor, e commendador de Santa Maria de Alcaçova de Santarem, e de Alpedriz, o qual mostrou sua carta feita por Leonel Alves a vinte dias do mez de Junho de 1516 annos, assinada por o mestre e passada por sua chancellaria.

«Achamos por alcaide pequeno do dito castello a Pedro Dias, criado de Lopo de Souza, do conselho d'el-rei, etc. o qual serve a dita alcaidaria por o dito Ayres de Souza em a dita villa de Alcanede e seu termo, o qual alcaide pequeno está posto por mão do dito alcaide mór.

«O qual castello tem á entrada da porta da barreira hum baluarte de pedra e cal com suas ameias e setteiras. E á entrada da barreira tem um portal de pedraria com as armas da ordem d'Aviz, e com humas portas de castanho e pinho, e tem da parte de dentro um ferrolho sem fechadura.

«E dentro destas portas está uma caza subeira de huma agua com suas paredes de pedra e cal, e madeiras de castanho e freixo, e telhada de telha vã, na qual caza está uma escada de pedraria, com dous portaes de pedraria com suas portas de castanho, e huma dellas com ferrolho e fechadura, a qual caza tem de levante ao poente onze varas e meia, e de norte a sul quatro varas.

«Outra caza mistica com a dita caza dianteira, que tem uma porta, e poste com uma aldraba, com suas paredes de pedra e cal, emmadeirada de castanho e freixo, e tem de levante ao poente cinco varas, e de norte a sul tres varas e terça.

«Outra cazinha alem da sobredita com huma porta e poste sem fechadura, com as paredes de pedra e cal, emmadeirada de castanho e freixo, e telhado de telha vã, e tem de levante ao poente tres varas e terça, e de norte a sul tres varas e meia.

«A mão esquerda da dita caza dianteira está huma caza de cozinha com suas paredes de pedra e cal, emmadeirada de castanho, e telhado de telha vã, e tem de norte a sul tres varas e tres quartas, e de levante ao poente duas varas e terça.

«Outra caza mistica e pegada com a torre de menagem, sobradada de novo, e forrada de pinho, e tem de norte a sul cinco varas, e de levante ao poente duas varas e tres quartas.

«Huma torre de menagem com sua abobada, e com seus pilares de pedraria, e com sua escada de pedraria e maynel, que vae da cozinha até cima da dita torre com suas portas de castanho, e huma dellas com ferrolho e fechadura, e tem de norte a sul sete varas, e de levante ao poente duas varas e duas terças.

«Outra torre que se chama Albarrã com suas portas e fechadura, e repartida por o meio, a qual torre he de abobada com sua escada de pedraria com seu maynel, e em cima hum portal de pedraria com suas portas e fechadura, e em hum dos repartimentos da mão esquerda estão humas grades com ferrolho e fechadura, e hum amlude, e dentro dellas outras grades com um cadeado, as quaes grades são de páo, e destas grades a dentro estão os prezos, a qual torre tem de norte a sul cinco varas, e duas terças, e do levante ao poente nove varas.

«Antre as ditas torres está um pateo com huma cisterna, o qual é cercado de muro de torre a torre, e da parte do norte tem tres cobellos.

«O qual castello e cazas he todo cercado de muro e barbacãa com suas ameias e setteiras e bombardeiras, e o castello e muro e barbacãa he todo de pedra e cal.»

Vê-se por esta descripção que não era grande o castello, e tambem por ella se póde ajuizar da simplicidade dos costumes, e da frugalidade do viver nos começos da monarchia, pois que n'essas eras os castellos sempre estavam guarnecidos de tropa, e viviam n'elles os alcaides-móres, que eram escolhidos entre os principaes fidalgos do reino.

No mesmo livro, por occasião de outra visita feita em 1538, escreveram os visitadores:

«Vimos a fortaleza e castello, o qual está derrubado, a torre da menagem, que cahio, segundo nos disseram, com o tremor da terra, e assim o muro, e barbacãa, e todo o outro apozentamento damnificado de todo; porque fomos certificados que Duarte Ribeiro, recebedor das terças, veio ver esta fortaleza, e levou todo escripto por miudo, assim da pedra que estava feita, como do que havia mister para se reformar...

«Disse Francisco Annes, alcaide, que quando cahio a torre ficaram lá muitos ferros, e matou hum homem que estava prezo.»

Não refere o dito livro o anno em que succedeu esta catastrophe, mas é provavel que acontecesse no dia 26 de janeiro de 1531, em que um grande terremoto fez ruinas de uma boa parte de Lisboa, e causou immensos estragos n'outras terras da Estremadura, do Alemtejo e do Algarve.

Posteriormente ainda o castello padeceu novos damnos, resultado, sem duvida, de outros tremores, ficando a torre *Albarrã*, como a de *Menagem*, apenas em metade da sua altura, e todas as casas arrazadas, e os muros e barbacans em partes destruidos. Conservavam-se ainda não ha muitos annos, e não sabemos se ao presente se conservam em bom estado, a cisterna, e um portal de pedra á entrada do castello, com um brazão de armas em cima, grosseiramente esculpido, composto de dois escudos, tendo um a cruz da ordem de Aviz, e o outro tres torres com ameias. Cremos que este ultimo é o brazão de armas da villa. O primeiro era o da ordem da cavallaria de S. Bento de Aviz.

Pelos annos de 1710 acharam-se dentro d'este castello muitas moedas de cobre romanas; e antes e depois encontraram-se nos arredores da villa outras muitas, tambem romanas, de cobre e de prata. Este facto não é prova bastante de que fossem os romanos os fundadores d'esta fortaleza; todavia, juntando-o ás considerações que fizemos no começo d'este artigo, dá certa plausibilidade á opinião de que el-rei D. Affonso Henriques foi simplesmente reedificador do castello de Alcanede.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PALACIO DO GOVERNADOR DA INDIA PORTUGUEZA

Esta gravura foi copiada da «Viagem ao Malabar», feita em 1860 pelo vice-almirante francez, o visconde de Langle, a bordo da corveta *Cordelière*. A falta que temos de bons desenhos das nossas possessões ultramarinas, nos obriga a reproduzir este que achámos na excellente collecção periodica de viagens feita por M. Eduardo Charton.

O almirante francez encorporou no texto d'esta sua viagem a gravura do palacio do governador portuguez, como para retribuir a primorosa recepção que lhe fez o sr. conde de Torres Novas, segundo elle declara na descripção das possessões portuguezas da costa do Malabar, da qual descripção vamos trasladar alguns periodos.

«Para se aportar á bahia de Goa, pelo lado do sul, passa-se por diante das ilhas de S. Jorge. O braço do rio Mandovi que desemboca ao sul, fórma o porto de Mormugão, que logo se patenteia aos navegantes; porém a terra está ordinariamente ennevoada, pelo que é difficil distinguir as quebradas do terreno. Grandes edificios coroam as eminencias; e tudo o mais denuncía que uma nação poderosa fez de Goa a capital das suas conquistas na Asia.

O convento do Cabo é dos edificios antigos o que está mais bem conservado: fica na extremidade da ilha sobre a qual se ergue a cidade de Goa, que é separada da terra firme pelo rio de Goa, e o braço do Mormugão; ao norte, o pharol domina o porto de Aguada; e muitas egrejas e capellas attestam ainda o fervor religioso dos primeiros portuguezes que se estabeleceram n'aquella costa.

Extensas linhas de fortes artilhados de peças ferrugentas coroam o porto de Aguada; mas todo este apparato militar é insufficiente para a defesa moderna.

O rio de Goa difficilmente dá passagem entre a ponta do Cabo e o môrro chamado Bardez, que o limita pelo norte; outras fortificações eguaes ás de Aguada cobrem o môrro de alto a baixo; as baterias do Cabo deviam cruzar o fogo com as do môrro.

O rio está impedido, ha muito tempo, por uma barra atravessada de varios canaes, onde quebra o mar quando faz mau tempo. Esta barra é um obstaculo que defende a cidade de Goa, muito melhor que os fortes outr'ora construidos pela coroa de Portugal.

Passado este obstaculo, começam a ver-se construcções mui elegantes que orlam as duas margens do rio até á antiga Pangim, hoje Nova Goa, situada a tres milhas da barra.

Ainda que nova, esta cidade tem edificios, templos e quarteis mui notaveis. O palacio do governador é um vasto edificio, coroado por uma serie de tectos acumiados, cobrindo cada pavilhão separadamente, como se usava no seculo passado, o que dá a este edificio um aspecto grandioso. A capella particular do governador deita para a praça do palacio; e s. exc. póde ouvir missa sem saír dos seus aposentos, que tem communicação para a tribuna da capella.

Uma escadaria de marmore desce da fachada do norte do palacio até ao rio, em cuja praia estão os telheiros onde se recolhe a galeota e os escaleres do governador.

As salas do palacio são vastas, e de muito pé direito, como convém n'um clima tão quente como o de Goa. N'uma das galerias estão os retratos dos vice-reis e governadores geraes da India. Infelizmente o tempo não tem respeitado as effigies d'esses grandes homens, cujas feições podiam ser reproduzidas por pincel mais habil. S. exc. o visconde de Torres Novas faz as honras do governo com extrema cortezia e affabilidade. A flor da sociedade de Goa é recebida nas salas do seu palacio. Uma vez por semana se reunem alli as bellezas lusitanas, que, tão longe da patria, não tem perdido a graça e frescura do seu paiz.

Causa admiração, á primeira vista, o grande numero de padres que se encontra nas ruas de Pangim; mas a razão é, que os inglezes dominam politicamente toda a costa de Malabar, porém a direcção religiosa conserva-se em Goa. Esta cidade é o grande seminario d'onde sáem os que exercem o sacerdocio em quasi toda a India.»

Agora acrescentaremos, que o palacio do governador da India portugueza, tão gabado pelo almirante visconde de Langle, é mais notavel ainda por ter sido levantado na antiga fortaleza do Hidalcão, tomada por D. João de Castro, e refeita em 1615 pelo vice-rei D. Jeronymo de Azevedo. A edificação é do reinado de D. José I, sendo vice-rei o conde da Ega, como declara a seguinte inscripção que está sobre a porta do palacio que deita para o rio:

REGE FIDELISSIMO JOSEPHO PRIMO
PRO REGE COMITE AB ÉGA
SENATUS INFORMI, FORMAVIT.

A villa de Pangim foi elevada á cathegoria de cidade, com a denominação de Nova Goa, por alvará de 22 de março de 1843, e declarada capital do estado da India.

Ao vice-rei D. Manuel de Portugal, cujo governo durou desde 1827 a 1835, se deve o incremento a que chegou a povoação de Pangim, e os seus principaes edificios. Hoje tem para mais de 20:000 habitantes. O actual governador geral, conde de Torres Novas, tem-lhe feito notaveis melhoramentos.

É mais efficaz o exemplo que as palavras: porque as palavras ouvem-se, e o exemplo vê-se.

A VISÃO DO PRECIPICIO

I

A LENDA

O meu romance annuncia-se de um modo terrivel. Começa por uma tempestade. Estou obrigado moralmente a apresentar alçapões, subterraneos, e donzellas perseguidas. Se não invento por ahi uns quatro assassinios, estou perdido no conceito de certos leitores!

Tenham paciencia os amadores das *Nodoas de sangue*, e dos *Amantes infelizes ou as victimas de uma paixão*, mas d'esta vez hão de se contentar com um romance bem morigerado, cujos heróes, todos elles pessoas honestas, não hão de incommodar, em quanto durar o enredo, nem as partes de policia, nem os regedores de parochia, nem os jovens advogados, nem as columnas dos jornaes destinadas pelos noticiaristas aos acontecimentos tragicos do paiz.

Feita esta declaração, vou introduzir os meus leitores... n'um lagar de azeite, por uma noite tempestuosa de dezembro, quando o vendaval açoita rijamente os pinheiraes frementes, e os relampagos illuminam com pallido fulgor as campinas inundadas pelas chuvas copiosas de uma noite de invernía.

Recresce o temporal. As levadas de agua, engrossadas com as chuvas, resvalam pelos penedos, despenham-se, espadanam, fazem scintillar á luz do raio doidejantes borbotões de espuma, e arrastam na carreira vertiginosa as arvores desarreigadas pela força

NOVA GOA (PANGIM)



Palacio do governador dos estados da India Portugueza

irresistivel do furacão! N'estas noites, o aspecto ridente dos campos, que a primavera orna com todas as galas da vegetação, transforma-se completamente. Parece-nos impossivel que o regato, que havia pouco se espreguiçava voluptuosamente sobre as campinas esmaltadas, seja agora a torrente impetuosa que arranca, n'um accesso de furor, as arvores que se miravam descuidosas na sua limpida corrente.

A mim agrada-me o quadro medonho das furias da invernia! Contemplo com delicias a physionomia terrivelmente phantastica das planicies e dos bosques, onde páira, batendo as azas chammeantes, o sinistro archanjo da tempestade!

São estes os episodios grandiosos do poema da natureza! São estas as paginas sublimes do livro da creação!

Era uma quinta solitaria nos arredores de Santarem; a casa dos morgados campeiava orgulhosa e insulada no meio dos campos cultivados, e lá mais ao longe alvejavam as modestas casinhas do logarejo que se debruçava curiosamente sobre as aguas do riacho, mirando n'esse espelho crystallino o seu humilde aspecto, e contemplando depois, á socapa, as pompas quasi feudaes do solar dos descendentes d'algum valentão das Indias.

Como os gloriosos representantes d'essa familia aristocratica, deixando a quinta só, estão comendo em Lisboa os seus rendimentos, escusâmos, amigo leitor, de lhes bater á porta, e, se vos parece, vamos immediatamente ao lagar de azeite, que não fica muito distante.

A entrada é franca, e a vista da fornalha, sobre a qual está collocada a caldeira, e onde arde um molho de lenha, produzindo um bom fogo, claro e crepitante, tenta devéras o pobre homem, que, todo ensopado, contempla o lume da fogueira, tão consolador e attrahente em noites de frio e chuva.

Entrámos em boa occasião; o lagar está em plena actividade. Os clarões indecisos da lareira illuminam um quadro pittoresco e original. Aqui o *engenho de agua* gira produzindo um som monotono, que, no meio dos rugidos da tempestade, similha o resmungar de velha feiticeira por entre os coros dos archanjos rebeldes em noite de congresso infernal, e, girando sem cessar, tritura conscienciosamente a azeitona submettida á sua implacavel pressão. Além as *varas*, subindo e descendo com toda a regularidade, obrigam a azeitona, já triturada e estendida nas *ceiras*, a distillar o seu oleo precioso. Mas não se resumem n'estes os trabalhos do lagar. Quem reconhecerá o azeite n'esse liquido negro que vae acolher-se silenciosamente na enorme vasilha de barro, a que nos lagares se dá o nome de *tarefa*? Trata-se de o purificar; vamos ás abluções. O liquido negro é assaltado repentinamente por um diluvio de agua a ferver, proveniente da caldeira, que opera a decomposição com toda a rapidez. Pelo *inferno*, communicação subterranea que conduz a um vallo distante, escoa-se a agua negra, que vae terminar ao longe a sua existencia ignorada, e o azeite, livre finalmente da macula original, apparece em toda a sua limpidez, em todo o seu brilho, em todo o seu esplendor.

No centro da casa terrea, o sr. Manuel dos Reis, mestre-lagareiro, chefe das operações, e supremo dictador n'esta solemne occasião, vigia attentamente as multiplicadas operações do lagar, em quanto o sr. João Moedor (assim chamado por causa das importantes funcções que alli exercia), contempla satisfeito o andamento do *engenho de agua*, confiado aos seus cuidados.

Os adjunctos d'estes dois chefes, sentados á roda da fogueira, alguns camponezes de fóra, que tinham vindo para o «cavaco», e que a tempestade tinha accommettido, os quaes em pé encostados ao cajado ficavam no segundo plano, e dois rapazes de Lisboa a quem a cortezia aldeã tinha concedido o logar de honra, eram as restantes figuras d'este quadro.

Os dois lisbonenses merecem uma descripção especial.

Chamava-se o primeiro José Augusto de Albuquerque. Alto e elegante, pallido, d'esta pallidez ardente, que é quasi sempre symptoma de uma imaginação exaltada, revelava no fulgor desusado dos olhos, scintillantes como dois diamantes negros, o ardor d'aquella organisação sympathica, que devia ser ou a de um grande poeta, ou a de um grande doido, se estas duas idéas não são synonymas, segundo a opinião de muita gente. As olheiras fortemente accentuadas, e que pareciam crestadas pela ardente irradiação das pupillas, acabavam de dar a esta physionomia um cunho original, romantico em fim, *tranchons le mot*, porque devo confessar que o meu heroe tem todas as apparencias de um typo de romance, apesar de ser tão verdadeiro, como... o orçamento portuguez.

O companheiro de José Augusto formava com elle um perfeito contraste. Se as centelhas de intelligencia, que se escapavam dos olhos negros de José Augusto, revelavam uma organisação em que o espirito predominava, em que *l'âme* domava *la bête*, para me servir da classificação de Xavier de Maistre, a luz fria e sem expressão, que brilhava nos olhos azues do seu companheiro, dava a conhecer a beatifica indifferença do adorador da materia. N'um a estatura delicada e quasi feminil denunciava a fina constituição de uma natureza naturalmente aristocratica; no outro a obesidade das fórmas dava idéa do Sancho Pança de Cervantes, ainda que a alta estatura mostrasse que esta nova edição do governador da Barataria era feita n'outro formato. N'aquelle os movimentos altivos da cabeça, o modo enthusiastico com que atirava para traz as ondas lustrosas da sua negra cabelleira, indicavam bem as aspirações elevadas de um coração a trasbordar de poesia e de generosidade; n'este os gestos pacatos, e as suissas loiras que flanqueavam serenamente uma cara de lua cheia, mostravam o genio bonacheirão do homem que não pensa senão no modo de conservar sempre, em bom estado, a sua economia animal, satisfazendo as reclamações incessantes de um estomago insaciavel.

O primeiro era, como disse, José Augusto de Albuquerque, rapaz com alguns vintens, que viajava para se divertir. O segundo era o sr. John Williams, inglez ingenuo e bem morigerado, que aguentava uma boa dóse de garrafas de vinho sem vacillar, que bebia exactamente o que ganhava n'um escriptorio de negociante, e que, apaixonado por viagens, como todo o bom inglez deve ser, tinha pedido licença de um mez para acompanhar o seu amigo José Augusto n'uma excursão á Estremadura.

No momento em que entrámos, reinava um profundo silencio no lagar. Lá fóra os rios, que a chuva fazia ferver em cachão, resaltavam sobre os rochedos com um estampido formidavel; as rajadas da ventania, batendo com furor de encontro á porta, faziam-n'a ranger, e abriam-n'a de vez em quando, arrojando torrentes de chuva para dentro do lagar. A voz da procella ora se assimilhava aos rugidos blasphemos do anjo das trevas, ora, plangente e soturna, imitava os gemidos das almas penadas, que vagueiam na terra pedindo aos vivos orações. O trovão, ribombando no espaço, dominava, de vez em quando, com a sua voz magestosa, o pavoroso ruido da tempestade.

Havia harmonias sublimes n'aquella desharmonia apparente; era selvatica mas grandiosa a immensa orchestra do temporal.

— Santa Barbara nos acuda, murmurou devotamente o sr. Manuel dos Reis, tirando o seu barrete azul, já bastante azeitado, no momento em que um trovão formidavel fazia benzer todos os circunstantes — S. Jeronymo te afaste, ruim trovoada, de todo o povoado onde haja almas christãs.

— Amen, resmungou em côro a companha aldeã.

— E temos a chuva pegada, que não ha que esperar senão uma noite de agua. O vento puxa por ella que é um regalo, tornou o mestre lagareiro, quando o terror produzido pelo trovão se dissipou um pouco mais. Ah! meu fidalgo, v. s. querer-se metter a caminho por uma noite d'estas é mesmo tentar a Deus.

— Deixal-o, tornou o interpellado, que era o nosso amigo José Augusto de Albuquerque, sabe vossê, sr.. Manuel dos Reis, que eu gosto de noites assim? Que diabo! quando atravesso a galope a clareira de um bosque inundado pela chuva, e que vejo, á luz do relampago, as arvores nuas de folhas estenderem-me os braços descarnados, e formarem em torno de mim, guiadas pelo furacão, danças phantasticas e extravagantes, imagino ver as danças da meia noite, travadas pelos espectros nos cruzeiros dos cemiterios, e, lembrando-me dos contos lindissimos que a minha ama me contava quando eu era pequeno, chego a acreditar na sua realidade, e acho prazer n'aquillo. Então que quer?

— Arreda! — bradou o João Moedor, coçando a cabeça e fazendo ao mesmo tempo um gesto de pavor, sempre v. exc. diz coisas que fazem arripiar os cabellos á gente. Gostar v. s. de ver dançar as aventesmas as suas danças malditas, como o meu compadre viu com os seus proprios olhos na noite de S. Bartholomeu, em que anda o diabo solto, como vossemecê ha de saber. Safa! Era capaz de seguir o phantasma do Açude até ao seu escondrijo infernal.

— O phantasma do Açude! O que é isso, o que é isso, ó sr. João? — perguntou José Augusto com a maior curiosidade.

— Historias da vida, meu fidalgo, retrucou o sr. Manuel dos Reis, é este diabo do João Moedor que não sabe fazer outra coisa senão contar contos da carochinha. Bom estavas tu, meu rapaz, para mestre lagareiro. Andas com a cabeça a razão de juros a pensar lá n'essas *maniversias*, deixavas ir o azeite pelo *inferno* abaixo, e nunca eras capaz de pôr o *espicho* a tempo e a horas. Sempre estás um massador!

— E é verdade, sôr Manuel dos Reis. Este João Moedor não faz senão moer a paciencia á gente, tornou um camponez que estava ao pé da porta, encostado com toda a denguice ao seu varapau.

Todos se riram do *calembourg* aldeão, e o sr. João Moedor esteve algum tempo sem poder fallar no meio dos motejos e das risadas da turba campesina. Finalmente:

— Leva rumor! — bradou elle. Com que então, sô Zé do Moinho, acha vossê que eu môo a paciencia á gente, heim! Vossê não acredita n'estas coisas, apesar de eu ter visto muita vez sua tia andar por cima da folha, e correr por cima das latadas para ir ter com seu compadre *Berzabum*. E ainda não estou muito certo se não é vossê, só cara de não sei que diga, que anda a horas mortas a cumprir o seu fado, feito burro, por esse mundo de Christo, como fazia seu avô que foi lobis-homem, segundo diz a gente antiga cá da terra.

A victoria ficou d'esta vez ao novo campeador. Os motejos dirigiram-se todos para o sr. Zé do Moinho, que quiz replicar enfurecido, mas que se viu obrigado a metter a viola no sacco, e a ficar de cabeça baixa a um canto. O triumphador havia pouco era agora o humilhado. *Sic transit gloria mundi!*

— Tem razão, tem, conte lá a historia, ó sr. João, que aqui tem vossê um ouvinte que não é capaz de duvidar da veracidade das suas palavras—tornou José Augusto com a curiosidade a revelar-se-lhe nas feições.

— Tem v. s. muita razão, meu fidalgo, retrucou o João Moedor com modos de triumpho, e com perdão de vossemecê, sôr Manuel dos Reis, sempre lhe direi que a historia do phantasma do Açude não é conto da carochinha. Em noites assim de temporal, quando o rio, engrossado pela cheia, ceifa os pinheiros mais taludos como eu ceifaria uma espiga de trigo no tempo da monda, não é cá o rapaz que se atreve a passar ao pé do Açude, sem se benzer quatro vezes, e sem fechar os olhos para não ver a melancolica D. Branca. E não é só a mim que isso acontece; o mais pimpão do sitio tremia, como varas verdes, se se visse obrigado a passar a estas horas por aquelle sitio amaldiçoado, a não ser o *Come-bichos*, que vendeu a alma ao diabo. Deus me perdôe se minto; mas o maldito tem mesmo cara de condemnado. E conheço eu alguns que se fazem muito valentes quando estão bem acompanhados, e que não eram capazes de passar sósinhos por ao pé do Açude, nem que lhes dessem todos os thesouros encantados do imperador da Moirama.

Esta ultima allusão ia evidentemente com sobrescripto para o Zé do Moinho: a resposta d'este (se por acaso elle tencionava responder), foi abafada pelas acclamações dos restantes, que applaudiram o orador bradando em côro:

— Tem razão! É até uma heresia duvidar d'estas coisas! O João fallou bem. Tem uma linguinha de oiro este moedor!

O distincto orador comprimentou modestamente os seus amigos politicos pela ovação que fizeram ao seu estiradissimo discurso, e que impacientou apenas o Zé do Moinho, que era de opposição, José Augusto de Albuquerque, que estava desejoso de conhecer a lenda, e o leitor, que talvez nem esteja para a ouvir.

— Vamos á historia, vamos á historia, bradou José Augusto, todos lhe prestâmos attenção, e acreditâmos em tudo quanto vossê disser, como os mahometanos na missão do seu propheta.

Ninguem comprehendeu a comparação; por conseguinte todos ficaram fazendo uma elevadissima idéa da erudição de José Augusto. João Moedor piscou os olhos, e bradou com enthusiasmo.

— Fallou que nem um livro. Pois então já que tanto aperta, lá vae a historia.

Todos se achegaram uns para os outros, e João Moedor começou no meio de um silencio solemne a sua narração. [1]

Ha de haver um par de annos, muito antes do terremoto, e talvez antes que tivessem nascido os paes dos nossos bisavós, governavam os moiros a maior parte da nossa terra abençoada. Segundo eu ouvi contar ao nosso padre prior, que Deus haja, dava-se e recebia-se muita lançada antes que a bandeira de Christo fluctuasse triumphante nas ameias das fortalezas. Cada palmo de terra conquistado aos cães dos sarracenos era regado, por muito sangue, e muitos cadaveres dos nossos antepassados adubaram a terra, antes que os seus descendentes podessem fazer em paz a semeadura e a colheita. Era mau tempo aquelle. Mas Deus e Santiago eram por nós, e os esquadrões cerrados dos cavalleiros de Christo levaram sempre de vencida as hostes aguerridas dos perros amaldiçoados.

Como dizia o padre prior, os pergaminhos d'esses fidalgos, que por ahi andam tão orgulhosos da sua inutilidade, foram sellados com o sangue de seus antepassados nos campos de batalha, em que se comprou bem cara a independencia portugueza. Deshonrado seria para todo o sempre o fidalgo portuguez que não envergasse as armas ao sair da infancia, e não luctasse incessante a favor dos opprimidos até cair no campo da batalha amortalhado na sua armadura de ferro. Repousem em paz nas campas os ossos d'esses valentes.

— O João Moedor sempre tem uma cachimonia de truz, resmungou á parte o Manuel dos Reis; onde elle vae buscar tudo isto!

— O que elle é, é um papagaio, murmurou o Zé do Moinho, não faz mais do que repetir tim tim por tim tim o que ouviu ao nosso antigo padre prior.

— N'esse tempo, continuou o João Moedor sem reparar na interrupção, viviam aqui n'este sitio dois fidalgos velhos, que, depois de terem ganho muitas cicatrizes, e criado muitos cabellos brancos no seu luctar incessante contra o poder da Moirama, tinham vindo descançar na paz dos seus castellos das lides gloriosas em que haviam dispendido a sua existencia inteira. Não porque lhes faltassem valor e bons desejos; mas a edade tudo gasta, e os corpos alquebrados dos bons cavalleiros já vergavam ao peso da armadura, e a voz implacavel da velhice advertiu-os que cedessem o logar a novos e mais vigorosos campeões. Penduraram na sala de armas dos seus castellos as valentes espadas, e, sentados ao canto da lareira, esqueciam o peso dos annos com as gratas recordações das suas façanhas de outr'ora.

Ao mais velho dos dois, Inigo Paes, concedêra o ceo um filho; Raymundo se chamava elle. Era a delicia do bom velho rever no esbelto mancebo a risonha imagem da sua mocidade. Vendo-o crescer em annos, em vigor e em destreza, consolava-se o valente cavalleiro esperando que Raymundo não deshonraria, nas fileiras portuguezas, o nome venerando que elle proprio tinha conquistado. Esperava com anciedade que seu filho completasse os dezoito annos para lhe cingir a espada, afivellar-lhe o arnez, e dizer-lhe, apontando-lhe o campo da batalha: «Vae, é esse o caminho da gloria.»

E tinha razão em se gloriar de ter um filho assim. Ninguem meneava com mais garbo e destreza um cavallo fogoso, ninguem manejava com mais vigor o pesado montante, ninguem mostrava mais ardor guerreiro, quando o pae, sentado no salão do castello, contava aos rapazes, anciosos de aventuras, os feitos de armas dos velhos campeadores. E se Raymundo dava esperanças de ser um rude lidador, nem por isso deixava de ser o mais gentil mancebo d'estes arredores. Alto e elegante, se os seus olhos negros quizessem fallar de amor, não havia dama que se não rendesse, nem coração feminino que escutasse insensivel os seus protestos enamorados. Mais de uma altiva castellã apparecia na varanda do seu solar para ver o elegante Raymundo correr a cavallo por essas campinas. Mas que importavam ao filho de Inigo Paes todas as castellãs do mundo, se tinha o coração já preso, e se Branca, a ingenua Branca, lhe tinha conquistado o affecto, e accendido nos seus olhos a chamma ardente do primeiro amor?

Branca era filha do companheiro de armas de Inigo Paes; grande desconsolação tivera elle, vendo-se viuvo em edade avançada, sem ter um filho a quem podesse transmittir a sua herança de gloria. Muitas vezes ao ver a filha a doidejar na varzea, como gentil borboleta esvoaçando por entre flores, se lhe enrugava a fronte, e duas lagrimas de tristeza deslisavam pelas faces crestadas do velho soldado. Mas a sombra li-

[1] Não me responsabiliso pela verdade do modo de dizer. José Augusto, que tinha o desagradavel sestro de fazer estilo, quando me contou a historia, transfigurou completamente a expressão do narrador de aldêa. Comtudo asseverava-me elle que o estilo do camponez tinha uma certa elevação.

geira que lhe annuviava o gesto, dissipava-se promptamente com as caricias affaveis da gentil donzella. Quem poderia resistir á influencia d'aquelle anjo de candura, loiro e rosado, como as imagens seductoras dos cherubins que cercam a Virgem Nossa Senhora na pintura do altar-mór da freguezia!

Branca e Raymundo conheciam-se e amavam-se desde crianças. Juntos tinham crescido, juntos tinham doidejado n'estas campinas, e sem que nunca a palavra *amor* fosse pronunciada; tinham apesar d'isso consagrado um ao outro um affecto que a edade fôra desenvolvendo. E era um par galante a mais não poder ser. Quando Branca, fatigada de correr atraz de uma borboleta, vinha, com as faces vermelhas como duas rosas, os olhos a brilharem de alegria infantil, e as loiras tranças fluctuando em ondas doiradas sobre os seus hombros de neve, refugiar-se nos braços de Raymundo, e encostar o rosto encantador nas faces levemente morenas do gentil fidalguinho, todos os que os viam paravam extasiados, e faziam votos pela felicidade d'aquelles anjos de innocencia e de candura.

Chegou finalmente o dia em que Raymundo completava dezoito annos, e em que, para não desmentir as gloriosas tradições da sua raça, devia cingir a espada, e ir aos campos de batalha pagar á patria e á santa religião dos nossos paes o tributo de sangue, que devia ser pago por todos os que se prezavam de christãos fieis, e portuguezes leaes.

No dia fixado para a partida de Raymundo, encontraram-se os dois namorados no sitio do Açude. É um sitio medonho, como v. s. ha de saber; um pinhal sombrio, que vae terminar á beira de um precipicio, no fundo do qual o rio faz mugir, espadanando nos rochedos, as suas aguas turvas e espumantes. Mas n'esse dia o sol estava brilhante, e dava a esse quadro medonho o mais ridente aspecto. Os pinheiros, illuminados pelos raios de um sol de agosto, pareciam frechas doiradas que mão occulta arrojava ao ceo limpido e azul de um bonito dia de verão. Cada gotinha de agua parecia um espelho que reflectia a imagem brilhante do sol de Portugal, e o rio scintillante e espumoso parecia arrastar na corrente palhetas de oiro e prata. Gorgeiavam os passaros na floresta, e tudo dizia contentamento, quando os corações de Branca e Raymundo sómente sentiam tristeza e desesperação.

Branca vinha triste, triste como a rola namorada que vê fugir para longes terras o escolhido do seu coração, e pallida como a açucena batida pelo vendaval. Mas que bem lhe ficava aquella pallidez, e como a alvura da face realçava a côr negra das roupas que vestíra em signal de lucto e de saudade. O brilho dos olhos, empanado pelo pranto que tinha derramado, parecia ainda mais suave e meigo, e os loiros cabellos, caindo-lhe ao desdem sobre o pescoço deslumbrante de brancura, faziam-n'a assimilhar á imagem da Virgem que está pendurada na sala do presbyterio, e que o senhor padre prior dizia ser copiada de um quadro pintado por um italiano chamado Raphael.

Chegou, e ajoelhou aos pés de um crucifixo, que então existia n'aquelle sitio; porque n'esses tempos de fé viva a imagem do Crucificado apparecia em toda a parte para acolher em seu seio misericordioso as orações dos fieis. O sol tinha surgido havia pouco do Oriente, e a oração da candida virgem, pura como a rosa que abre o seio ao primeiro alvor da madrugada, foi, perfume singelo de fé e de innocencia, conduzida pela brisa aos pés do throno do Senhor.

Quando se levantou viu Raymundo em pé diante d'ella, de cabeça descoberta, pallido, e mal podendo conter as lagrimas que lhe bailavam nos olhos.

— Raymundo, disse ella desatando a chorar, e escondendo a cabeça no peito do mancebo, não me deixes!

— Não posso, Branca, tornou elle, apertando-a ao peito com anciedade; o que pensariam de mim o rei, os ricos homens e os villões, se preso nos teus braços me esquecesse do que devo a mim, ao rei e a Deus? Era um nome deshonrado o nome de teu esposo, Branca, e não m'o podias acceitar. A espada de meu pae, que outr'ora brilhou ao sol das batalhas com deslumbrante fulgor, não póde jazer inerte a um canto do meu solar, em quanto as achas de armas dos meus compatriotas escrevem nas paginas de pedra, das fortalezas moiriscas, a historia sanguinolenta da resurreição dos godos. Bem vês, Branca; é um penoso dever; mas devo cumpril-o.

— E o nosso amor, Raymundo! — balbuciou a donzella afogada em lagrimas.

— Oh! cala-te, Branca, não vês que me despedaças o coração? Queres que eu perca o animo, queres que o puro azul dos teus olhos me faça esquecer que existe outro ceo, outra ventura que não seja o teu amor, outro dever que não seja o adorar-te? Não, Branca, não ordenes a minha deshonra; a tua imagem seductora será a estrella que me ha de guiar no caminho da gloria. Quaes serão as façanhas para mim impossiveis, pensando que o teu sorriso será a recompensa do meu valor, e que será a tua mãosinha branca e mimosa que me ha de limpar na fronte o suor dos combates e das luctas sanguinolentas?

— Mas quem sabe, Raymundo, tornou Branca erguendo para elle os olhos radiantes, ainda humedecidos das lagrimas que derramára, quem sabe se n'esses paizes longinquos não encontrarás alguma formosa dama cujos encantos te farão depressa olvidar a imagem da triste Branca, que dizes ter gravada no coração? Oh! meu Deus, que horrivel idéa! Se tu me esquecesses...

— Que fazias, Branca?

— Morria! — tornou ella com resolução.

Raymundo apertou-lhe a mão e levou-a ao pé do crucifixo. Alli, erguendo os olhos para o rosto divino do Christo crucificado, bradou com voz solemne e altiva:

— Juro diante do Deus que morreu pregado na cruz para remir os homens do peccado original, juro guardar-te sempre fé inteira e immutavel, como te juraria se um sacerdote nos abençoasse ao pé do altar. És minha esposa diante de Christo. Cáia sobre mim a vingança do ceo se atraiçoar o meu juramento.

— Oh! obrigada, Raymundo, obrigada, clamou a donzella lançando-se com immenso ardor nos braços do mancebo e derramando copiosas lagrimas; tambem eu juro amar-te sempre, meu Raymundo, amar-te com inalteravel constancia, não viver senão com a tua imagem, não pensar senão em ti, meu unico amor. E agora parte, acrescentou ella erguendo-se com inesperada resolução, vae conquistar um nome glorioso; a benção de Deus vae comtigo, porque os nossos anjos da guarda, abraçados e de joelhos ao pé do throno do Senhor, rogarão a Deus que proteja os esposos, cuja união foi abençoada pelo Crucificado, saudada pelos canticos da alvorada, perfumada pelos thuribulos das flores, illuminada pelos raios do sol nascente!

Raymundo apertou-a ao peito com enthusiasmo; deu-lhe na fronte, com timidez, um beijo, e montando n'um cavallo, que o esperava a pouca distancia, seguro por um pagem, partiu dizendo com ardor:

— Adeus, minha gentil esposa!

— Adeus, meu adorado esposo!

Estas palavras pronunciára-as ella, caindo ajoelhada aos pés da cruz. O perfume das flores, o canto dos passarinhos, o rumorejar das folhas, a luz pura e serena do sol, tudo parecia abençoar o seu amor. Unicamente, no momento da despedida uma nuvem ligeira passou por diante do astro do dia e offuscou-lhe um pouco o brilho.

Ai! Branca, timida Branca, nos momentos de felicidade uma ligeira nuvem é indicio temeroso de tempestade!

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.